

Marina de Andrada e Silva Procópio de Carvalho e o arquivo de cartas de crianças e jovens enviadas a Monteiro Lobato: labirinto da perdição

Patrícia Aparecida Beraldo Romano¹

Resumo

Desde que a obra de Monteiro Lobato entrou em domínio público, em 2019, muito se tem escrito novamente sobre o autor e sobre suas obras, inclusive as infantis, que ganharam até mesmo novas edições. Além de escritor, editor, adido comercial e demais atividades exercidas ao longo de sua vida, Lobato foi também um missivista contumaz, fosse para seu público leitor adulto, fosse para o infantil. Consta que nunca deixou um de seus jovens leitores sem resposta. Esse compromisso fez com que ele recebesse muitas cartas de crianças e jovens, leitores assíduos de seus textos infantis. Parte considerável do que restou do conjunto dessas cartas está hoje no Arquivo Raul de Andrada e Silva, no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP). Elas chegaram ao Arquivo porque foram entregues, pelo escritor, a Marina de Andrada Procópio de Carvalho que, como amiga de Lobato, também com ele se correspondeu. Este trabalho pretende apresentar resultados da pesquisa que se fez nesse arquivo sobre a correspondência nele depositada.

Palavras-chave: Cartas. Arquivos. Monteiro Lobato. Marina de Andrada Procópio de Carvalho. Arquivo Raul de Andrada e Silva.

-
- 1 Profa. Dra. em Letras pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Mestre em Teoria Literária e Licenciada em Letras, ambos pela Unicamp. Atualmente é professora Adjunta IV na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), onde atua no Curso de Graduação em Letras-Português e nos Programas Acadêmico e Profissional de Pós-Graduação em Letras. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em Literatura Infantil e Juvenil (GEPLIJ) e participa como membro dos Grupos de Pesquisa: Produções Literárias e Culturais para crianças e jovens/USP, Monteiro Lobato em rede (UFPR) e Observatório Lobato (USP). Organizou em 2012, junto com a profa. Dra. Soélis Teixeira do Prado Mendes, a obra *Práticas de língua e literatura: olhares diversos, múltiplas propostas*, pela editora Bagagem. Em 2019, publicou parte de sua tese de doutorado em livro intitulado *Dona Benta: uma mediadora no mundo da leitura*, pela Appris. Este artigo é resultado de um dos capítulos de seu relatório de Pós-doutorado realizado na USP, entre 2021 e 2022, no Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada, na USP, sob supervisão da Profa. Dra. Maria Zilda da Cunha. E-mail: paromano@unifesspa.edu.br

Abstract

Since Monteiro Lobato's work entered the public domain in 2019, much has been written again about the author and his works, including those for children, which have even been given new editions. As well as being a writer, publisher, commercial attaché and other activities throughout his life, Lobato was also a regular writer, whether for his adult readership or for children. It is said that he never left one of his young readers unanswered. This commitment meant that he received many letters from children and young people, who were regular readers of his children's texts. A considerable part of what remains of these letters is today in the Raul de Andrada e Silva Archive at the Institute of Brazilian Studies (IEB) at the University of São Paulo (USP). They arrived at the Archive because they were given by the writer to Marina de Andrada Procópio de Carvalho who, as a friend of Lobato, also corresponded with him. This paper aims to present the results of the research carried out in this archive on the correspondence deposited there.

Keywords: Letters. Archives. Monteiro Lobato. Marina de Andrada Procópio de Carvalho. Raul de Andrada e Silva Archive.

Logo após a publicação de *A Barca de Gleyre*, [Lobato] apareceu uma noite. Não quis jantar. Ficou rodeando a mesa, beliscando coisas. Reclamou da casa. Muito pequena. Uma lata de sardinhas. Os livros andavam amontoados, por todos os cantos. Não se podia colocar mais nada ali. [...] Possuía milhares de cartas e documentos. Mas perdera os dois filhos homens. As mulheres não se interessavam por essas coisas... Finalmente parou e, olhando-me firme, fez a pergunta que sem dúvida trouxera engatilhada: — “Quer ficar com meu arquivo?”²

1. Um percurso pelos fios labirínticos do Arquivo Raul de Andrada e Silva

Este trabalho tem início em uma pesquisa de pós-doutorado desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Literatura Comparada, na Universidade de São Paulo.³ Essa pesquisa teve como objetivo o estudo de sete cartas de crianças e jovens enviadas a Emília e Dona Benta, personagens das obras infantis de Monteiro Lobato. Tais missivas encontram-se no Arquivo Raul de Andrada e Silva, no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), na Universidade de São Paulo (USP). O estudo realizado buscou investigar que máscaras de si vestiam os missivistas e que imagem de seus interlocutores, as personagens, eles criavam. Somou-se a isso a busca, nas obras infantis lobatianas, de recursos que permitiram a esses missivistas se sentirem à vontade para dar categoria de interlocutor às personagens.

A pesquisa demandou várias idas ao acervo do IEB e mais de uma leitura de todas as cartinhas enviadas ao escritor (e a suas personagens) e mantidas, hoje, no Arquivo Raul de Andrada e Silva. Como toda pesquisa, algumas descobertas inesperadas, diversas da hipótese inicial, acabaram por surgir. Uma delas apareceu quando se percebeu que, no arquivo, havia também cartas de adultos para Lobato, dentre elas, uma de Marina de Andrada Procópio de Carvalho. Afinal, quem seria essa senhora? Qual sua relação com o escritor? Por que motivos Lobato havia escrito para ela algumas missivas enquanto se encontrava na Argentina? Onde estariam as cartas dela a ele?

Na busca pelas respostas, conhecer um pouco sobre o Instituto de Estudos Brasileiros pareceu fundamental. Hoje ele se encontra, fisicamente, sediado no Complexo Brasileira USP. Trata-se de um órgão público que pertence à Universidade de São Paulo. De acordo com a última versão do *Guia do IEB*, datada de 2010, infelizmente desatualizada, disponível em seu site (<https://www.ieb.usp.br/guia-ieb-2/>), o leitor descobrirá que:

O Instituto de Estudos Brasileiros, criado em 1962 pelo historiador Sérgio Buarque de Holanda, é um órgão de integração da Universidade de São Paulo que tem como desafio fundador a reflexão

2 CAVALHEIRO, E. Monteiro Lobato, vida e obra. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955, tomo I, p. 13.

3 Trabalho sob supervisão da Profa. Dra. Maria Zilda da Cunha.

crítica sobre a sociedade brasileira por meio da articulação de diferentes áreas das humanidades. As atividades de pesquisa se fazem associadas à preservação dos acervos culturais sob sua guarda. Essa articulação é constitutiva do IEB e tem sido responsável pelo seu permanente e crescente reconhecimento acadêmico. [...] Exposições de curta e longa duração dão face pública aos acervos, revelando, como o restante das atividades realizadas, a associação imprescindível entre acervo e pesquisa. [...] O IEB tem sob sua responsabilidade acervos excepcionais que são devidamente preservados e extrovertidos⁴.

Segundo ainda esse documento, “de 1997 a 2009, os acervos do IEB multiplicaram-se” e somam, até 2010, “91 fundos e coleções, além de vasta documentação resultante de pesquisa e documentação avulsa e geral. Em termos quantitativos, trata-se de aproximadamente 450 mil documentos no Arquivo, 180 mil livros na Biblioteca e 8 mil objetos na Coleção de Artes Visuais”.⁵

No acervo do IEB há Fundos e Coleções. O conjunto de correspondências de crianças e jovens a Monteiro Lobato pertence ao Fundo Raul de Andrada e Silva. Segundo ainda o *Guia*, por “Fundo compreende-se um conjunto de documentos de caráter pessoal, científico, artístico, profissional ou técnico, produzidos e/ou reunidos em decorrência das atividades de seu titular”.⁶

Além de recortes de jornais, fotos, pequenos bilhetes, desenhos, há no Arquivo até mesmo um caderninho de anotações do escritor que se deu ao trabalho de “traduzir” o manuscrito (ilegível, diga-se de passagem) para o datilografado (ao menos parte do manuscrito do caderninho) que foi entregue, juntamente com todo o restante do material, à sua amiga Marina de Andrada e Silva Procópio de Carvalho. Esse recorte do Fundo Raul de Andrada e Silva é composto, hoje, por três grandes caixas que comportam o material recebido por Marina e que, posterior à sua morte, ficou com Raul de Andrada e Silva e foi, com a morte dele, doado ao IEB. Juntamente com o restante de material que compõe o Fundo “[...] há um dossiê formado por cartas infantis, cartas de amigos do escritor, recortes de artigos de e sobre Monteiro Lobato e retratos de Monteiro Lobato e familiares”.⁷ Em breve, todos os documentos de seu interior receberão nova catalogação, informação fornecida por Elisabete Marin Ribas, especialista de Serviços de Arquivo do IEB, durante as várias visitas feitas por lá.

Fazer pesquisa em arquivos é sempre uma experiência ímpar. Mas arquivos que permitem uma certa “viagem” pelos documentos de escritores são uma experiência relativamente lúdica. Os documentos, nesses espaços, ficam, geralmente,

4 GUIA DO IEB. **O acervo do Instituto de Estudos Brasileiros**. Edição de Ana Lúcia Duarte Lanna. São Paulo: IEB, 2010.

5 Ibidem, p. 25.

6 Ibidem, p. 59.

7 Ibidem, p. 239.

arquivados em caixas ou pastas e o pesquisador, ao tomar contato com o material, precisa, num primeiro momento, já ter algum conhecimento dele para estabelecer seus objetivos de pesquisa. O ideal parece ser que seja feita uma primeira investigação de toda a documentação disponível para que se obtenha uma ideia geral do arquivo e aí sim possa-se estabelecer como traçar o melhor caminho para desenvolver o objeto de estudo. Nem sempre, todavia, isso é possível, porque, muitas vezes, esse material não está em boas condições de preservação, inclusive, por conta da época de produção ou mesmo porque o órgão que cuida dele dispõe de poucos recursos financeiros para preservá-lo. Nesse caso, o pesquisador poderá ter acesso mais restrito aos documentos.

No IEB, o material encontrado no Fundo Raul de Andrada e Silva pareceu muito bem acondicionado, catalogado e preservado. Toda equipe de bibliotecários e arquivistas é bem treinada e auxilia o pesquisador da melhor maneira possível e isso é de fundamental importância para que possa acontecer aquele primeiro passo fundamental em pesquisa: ter uma visão geral do arquivo, poder fazer uma “viagem” relativamente despreziosa pelos documentos a fim de interagir com os conteúdos presentes neles⁸. Pelos labirintos de palavras, papéis, recortes, imagens e fotografias pôde-se ter uma visão panorâmica da parte do Fundo Raul de Andrada e Silva voltada às missivas de crianças e jovens a Monteiro Lobato e demais documentos que dizem respeito ao escritor. Registra-se aqui o prazer lúdico que é o de sentir-se, relativamente, como um *voyeur* de um tempo passado que não pertence mais a ninguém, mas que tem sua marca selada nas cartinhas presentes no Fundo. Cita-se, assim, excerto de Walnice Nogueira Galvão (2012) sobre o prazer de pesquisar cartas:

Quase sempre, chega-se às cartas, enquanto tarefa de pesquisa, praticamente por acaso. E um acaso que logo se metamorfoseia em necessidade. Ao interesse, digamos, malsão, pela petite histoire, ou seja, pela bisbilhotice, pelo diz-que-diz-que, pelo avesso da obra e de seu autor, vem somar-se o prazer dúbio do voyeur – este sim indubitável.⁹

Há uma curiosidade bastante significativa a ser registrada sobre a pesquisa em acervos: a visão geral do arquivo a ser estudado foi deveras importante para as descobertas realizadas. Sem essa visão, possivelmente, não teria sido possível encontrar, em documentos já visualizados, algum tipo de relação com o objeto da pesquisa. Essas “visões labirínticas”, como foram nomeadas, ficam circulando na cabeça até que, em algum momento, o documento que se tem em mãos se abre para alguma relação com outro que, até então, não se tinha percebido ou que nenhum estudioso anterior tinha investigado. São essas descobertas “saborosas”,

8 Deixamos aqui nosso agradecimento a Elisabeth Marin Ribas e a toda a equipe do Acervo do IEB pelo trabalho ímpar que desenvolvem junto aos pesquisadores. Esse trabalho fez muita diferença, no nosso caso, nos resultados finais obtidos.

9 GALVÃO, W. N. A margem da carta. **Manuscrita**: Revista De Crítica Genética, (7), 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/manuscrita/article/view/177450>, acesso em 02/12/2021, p. 50.

que clareiam pontos obscuros de um arquivo, as responsáveis por fazerem as pesquisas ganharem fôlego e por revelarem outras descobertas que vão se “desnovelando” do fio de Ariadne e conduzindo, finalmente, para a saída do labirinto.

A descoberta a ser relatada neste texto que se constrói diz respeito a uma senhora, ao que tudo indica, amiga de Monteiro Lobato, Marina de Andrada e Silva Procópio de Carvalho¹⁰. Mas antes de a ela se chegar, é necessário apontar a diferença entre duas definições deveras importantes para o trabalho. Trata-se de estabelecer alguma diferenciação entre “Arquivo do Escritor” e “Arquivo Literário”, a partir dos estudos de Reinaldo Marques, em sua obra *Arquivos Literários: teorias, histórias, desafios*, publicada em 2015. Nela, para **Arquivo do Escritor** há a designação de:

[...] um arquivo pessoal, cuja localização se dá no âmbito do privado, de uma economia doméstica. Trata-se de arquivo formado por um escritor ou escritora, relacionado à sua vida e atividade profissional, cujos fundos documentais são reunidos segundo critérios e interesses particulares. [...] [geralmente são] heterogêneo[s], revela[m] uma intencionalidade ordenadora, mas sem se submeter, de modo geral, a princípios organizacionais preconizados por saberes especializados.¹¹

Por sua vez, quando o arquivo de um escritor é doado por ele mesmo, quando vivo, ou pela família, depois de falecido, ele passa a ser denominado de **Arquivo Literário** e é assim chamado por ser:

[...] o arquivo pessoal do escritor alocado no espaço público, sob a guarda de centros de documentação e pesquisa de universidades, de bibliotecas públicas, de fundações culturais. Mantido com dinheiro do Estado ou mesmo de instituições privadas, o arquivo do escritor deve agora estar acessível para consultas e pesquisas, tanto por parte de pesquisadores acadêmicos quanto do cidadão de maneira geral.¹²

O Fundo Raul de Andrada e Silva contém, além do dossiê de cartas infantis e demais documentos ligados a Lobato, “pesquisas bibliográficas, documentos, livros e capítulos de livros, documentação oficial referentes ao Paraguai e à Bacia Platina, planos de aula, anotações, recortes de jornais, mapas, plantas [...] resenhas, notas bibliográficas [e] artigos enviados para publicação”,¹³ material todo pertencente aos anos de trabalho de Raul de Andrada e Silva, professor e pesquisador do Departamento de História da USP, na cadeira de História da América, até 1975,

10 Em outros momentos, será usado apenas Marina de Andrada Procópio de Carvalho por conta de "e Silva" aparecer apenas no documento que ela escreveu sobre a família.

11 MARQUES, R. **Arquivos literários: teorias, histórias, desafios**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2015, p. 19.

12 Ibidem, p. 19.

13 Op. cit., 2010, p. 239.

quando se aposentou. O professor Andrada e Silva foi também membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e da Academia Paulista de Letras, onde ocupou a cadeira 38. Parte dos 5580 documentos desse Arquivo foram doados em 1991 por ele mesmo (o professor faleceu em 12/05/1991); outra parte foi doada em 1993 por seu sobrinho, Guy R. de Andrada, conforme informa o GUIA DO IEB, quando o professor já havia falecido. É nesse material doado pelo sobrinho que consta o dossiê de cartas infantis a Lobato.

Essas informações encontram-se disponíveis no Processo de doação do Acervo Raul de Andrada e Silva, sob número 2006.1.211.31.9, aberto em 18/09/2006, no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP), passível de consulta. Na página 16 do processo, em que é descrito o Arquivo em questão, no item “Conteúdo”, há a informação que abaixo se reproduz, já parcialmente descrita em outro momento deste trabalho, mas que aqui interessa significativamente:

O Arquivo apresenta também um dossiê formado por cartas infantis, desenhos, cópias de cartas enviadas por Monteiro Lobato aos pais, cartas de amigos do escritor, recortes de artigos de e sobre Monteiro Lobato e retratos de Monteiro Lobato e familiares. Esses documentos foram enviados por Monteiro Lobato a sua amiga Marina de Andrada Procópio de Carvalho, sobrinha de Raul Andrada e Silva e estavam reunidos junto ao arquivo do titular.¹⁴

Nesse processo no qual o Fundo foi registrado, nenhuma outra informação mais significativa sobre o material nele depositado existe, em especial, sobre a doadora primeira, a senhora Marina de Andrada Procópio de Carvalho. Esse nome, todavia, começa a ganhar força quando, ao se iniciar a leitura dos documentos (cartas infantis, cartas de adultos, material de jornais etc.), percebe-se que há missivas de Lobato para ela e dela para ele. Não são muitas, mas são cartas bastante enigmáticas tendo em vista a pouca ou quase nenhuma informação que se tem sobre essa senhora, apenas de que fora amiga do escritor e **sobrinha**¹⁵ do professor Raul de Andrada e Silva. Um questionamento bastante insistente começa a se apossar: por que motivos Monteiro Lobato teria deixado seu arquivo de cartas infantis a essa senhora? Junto ao volume delas, também existe um caderninho de anotações de Lobato que, ao que tudo indica, teria sido entregue junto com as missivas. Com o caderninho segue a carta/bilhete abaixo:

Marina,

¹⁴ Trecho de texto registrado no Processo de doação do Acervo Raul de Andrada e Silva, sob número 2006.1.211.31.9, aberto em 18/09/2006, no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP), p. 16. O nome do Fundo oscila entre Raul de Andrada e Silva e Raul Andrada e Silva, sem a preposição “de”, nesse documento. Optamos, neste trabalho, por manter como nome Raul de Andrada e Silva, já que é assim que o Fundo vem nomeado na página 239 do Guia do IEB. Os grifos são nossos.

¹⁵ É justamente essa informação que se pretende questionar à frente, como se verá.

Hoje, 11 de maio de 1946, passei a manhã destruindo papéis velhos. Encontrei um antigo caderno de notas, que só eu entendo – e tive a ideia, em vez de destruí-lo, de dá-lo à boa amiga, como curiosidade. E bati esta cópia das notas, com algumas observações esclarecedoras. Nessas notas aparecem os germes de várias coisas que escrevi –inclusive o “começo” de Narizinho –o olho d'água da minha literatura infantil. É um caderno documento.

Monteiro Lobato¹⁶

Quem conhece a produção do escritor e os textos críticos sobre ele, sabe que Lobato tinha uma visão bastante peculiar sobre sua produção literária e sobre suas cartas ao amigo Rangel que seriam publicadas na obra *A Barca de Gleyre*, em 1944. Nela, Lobato informa ao amigo, em 05/09/1943:

Fui mexer na minha tremenda papelada epistolar e tonteei. É coisa demais. É um mundo. Pus a Ruth separando aquilo e classificando por ordem de data – é o primeiro passo. O segundo será separar certas cartas, como as tuas, que são as mais numerosas; e como por milagre tenho aqui as minhas, estou vendo que desse passo vai sair coisa grossa e talvez muito interessante. Desconfio, Rangel, que essa nossa aturada correspondência vale alguma coisa. É o retrato fragmentário de duas vidas, de duas atitudes diante do mundo – e o panorama de toda uma época. Literatura, história e mais coisas.¹⁷

Em 05/03/1945, ainda a Rangel, Lobato diria: “Como é interessante a minha correspondência! Não imaginas as cartas que recebo das crianças”¹⁸. A partir dessas informações, teria o escritor também percebido, em 1946, ao viajar para a Argentina e deixar com a amiga Marina seu arquivo de cartas infantis e demais documentos, inclusive o caderno de notas acima referenciado, a importância que eles poderiam representar sobre sua produção literária para crianças? Por que motivos escolheria a amiga, cuja relação com ele não aparece em documento algum? Quem seria essa senhora?

Ao se ler a correspondência do Arquivo Raul de Andrada e Silva, é possível se deparar com uma carta de Marina a Lobato, datada de 23/04/1945. Trata-se de uma missiva escrita à mão, em papel azulado. O vocativo utilizado por Marina chama a atenção: “Dr. Lobato”. Ao se adentrar na leitura da carta, tem-se a impressão de que o “dr” vem carregado de certa ironia em virtude da reação de Lobato à situação relatada na missiva. Marina fala sobre a queda de Berlim, poucos dias antes da escrita da carta, referindo-se, ao que tudo indica, ao final da Segunda Guerra Mundial. Comenta que havia dito a Lobato que se soubesse disso, ligaria a todos

¹⁶ Arquivo Raul de Andrada e Silva/ARAS-IEB/USP, cx 04, P02, 040.

¹⁷ LOBATO, M. *A Barca de Gleyre*. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1956, tomo II, p. 352.

¹⁸ Ibidem, p. 365.

(os amigos?) mesmo que fosse de madrugada. E foi o que ocorreu, pois, segundo ela, ligou a ele também, embora ele tenha dito que ela não deveria lhe ligar. Parece que essa negativa foi o motivo de ter ela ficado bastante chateada: “Mas que história foi essa de negar-se? Nunca saberá quanto isso me aborreceu”¹⁹. É a *única* carta que restou de Marina a Lobato no arquivo e nela já é possível identificar uma marca que possa ter sido um diferencial nessa dama: a decisão de fazer algo e fazer de fato, como ela afirma na carta e executa *a posteriori*, mesmo que existisse um certo contragosto do amigo escritor.

Há cinco outras cartas que foram escritas por Lobato de Buenos Aires, na Argentina, e enviadas para Marina, todas em 1946. Soma-se, a elas, a carta/bilhete deixada provavelmente com todo esse material antes de partir para o país vizinho. As missivas do escritor, vindas de Buenos Aires para a senhora amiga, são de uma beleza ímpar, ricas em graça, delicadeza, ternura e saudade.

A primeira é escrita em 12/06/1946. Nela, Lobato inicia informando Marina de que ele já começara a receber cartas de crianças argentinas e faz questão de transcrever, para a amiga brasileira, a primeira que recebeu. Na sequência, munido de seu bom humor para troçar, inclusive, de si mesmo, informa a amiga sobre como andava lidando com a língua espanhola. Também a informa de que ele já estava engordando em terra portenha e de que faria uma entrevista “sensacional” escrita por ele mesmo (vale lembrar que Lobato, a partir de determinada época, só aceitava dar entrevista se pudesse ele mesmo redigir sua fala para evitar equívocos sobre o que afirmava). Por fim, relata-lhe que seu estado de “neurastenia” inicial já havia passado e estava bastante feliz, embora com saudade dos amigos, e que a família gastava seu tempo procurando por apartamento, já que continuavam, todos, ainda morando em hotéis.

Na carta seguinte, em que não se tem informação sobre o dia do mês (sabe-se apenas que data ainda de junho de 1946, pois há um rasgo no papel que impede a identificação do dia), Lobato comenta com a amiga o novo endereço onde passaria a residir em Buenos Aires, deixando de morar em hotéis, situação essa que, parece, pelas missivas à amiga, aborrecia-lhe bastante. Também lhe informa sobre as cartinhas de crianças que começam a aparecer depois da primeira sobre a qual comentara e transcrevera, na carta anterior, e que algumas até seguiam pelos jornais: “As crianças já começaram a me escrever. Depois daquela cartinha n. 1 já vieram muitas mas, e continuam vindo. E vão até para os jornais, como Ud. verá pelo recorte junto”²⁰. Essas duas cartas estão datilografadas. A primeira segue sem assinatura; a segunda, com assinatura datilografada como toda a carta. Lobato oscila, na segunda, entre português e palavras em espanhol. Informa sobre o recorte do jornal da cartinha, mas ele, o recorte, não se encontra junto à carta, deve ter se perdido. Na sequência, comenta sobre valores das moedas do

19 Arquivo Raul de Andrada e Silva/ARAS-IEB/USP, cx 04, P02, 039. Carta de Marina de Andrada Procópio de Carvalho a Monteiro Lobato, de 23/04/1945.

20 Arquivo Raul de Andrada e Silva/ARAS-IEB/USP, carta de Lobato a Marina de Andrada, de 06/1946. Foi mantida a grafia e as palavras em espanhol.

Brasil e da Argentina, sobre ter almoçado em Palermo e conhecido o famoso Rosedal e sobre a popularidade de *Narizinho*, e que até o Uruguai está “assanhado com o Lobato”. Comenta que esteve em Buenos Aires uma professora que o convidou para inaugurar uma biblioteca uruguaia. Não deixa também de lembrar, saudosamente, das quintas-feiras “marineras” que passara no Brasil, provavelmente, em conversas com a jovem senhora.

Na terceira carta, datada de 28/06/46, o escritor começa informando Marina de que recebera carta de Fontoura²¹ que o informava sobre as reclamações dela por conta de ausência de respostas de Lobato às suas cartas. O escritor se defende lembrando que já escrevera duas cartas e que somente naquele momento tinha se mudado e que ainda procurava arrumar as mobílias para o apartamento, por isso andava bastante atarefado. Segue contando à amiga sobre suas saídas para encontros comerciais, além das suas idas às livrarias Atheneo e Losada, colossos de espaços onde encontrava também seus livros à venda. Comenta sobre jantares para os quais é convidado, mas foge deles, em virtude de invadirem a madrugada. No da noite anterior, famosos argentinos estavam presentes, mas Lobato fugira a tempo: “Maleia, o novelista n. 1 da atualidade; Luis Ayala, tido como o maior sociólogo; o Luzuriaga, o maior pedagogo; e Sírio, o maior desenhista; e mais outros maiores cujos nomes guardei na carteira, mas não na cabeça”²².

Esclarece à amiga que há tantos convites para passeios que acabam por retardar a correspondência para os amigos antigos e que é tido por mais famoso do que realmente é: “Como ninguém me leu, julgam-me pela fama – e têm-me várias vezes maior do que sou”²³. Despede-se lembrando, mais uma vez, das quintas-feiras passadas junto à amiga no Brasil. A carta é mais uma vez datilografada, inclusive a assinatura, e Lobato a escreve em português com algumas palavras em “portunhol”, o que dá um certo tom de diversão e leveza ao texto, além de informar que ele ainda se esgueirava pela língua, como já havia comentado em carta anterior.

A quarta missiva vem datada de 07/08/1946 e traz, logo na primeira linha, duas informações importantes. A primeira diz respeito ao vocativo usado por Lobato para se referir à destinatária: “Excelentíssima Senhora Dona Marina”²⁴. O vocativo, com três palavras de distanciamento, chama a atenção, já que nas cartas anteriores o tom de início não é nada distante e basta recordar aqui do “dr” usado por Marina na carta acima anteriormente descrita. Logo após o vocativo, Lobato inicia com:

21 Trata-se de Cândido Fontoura, amigo de Lobato.

22 Arquivo Raul de Andrada e Silva/ARAS- IEB/USP, Carta de Lobato a Marina de Andrada, de 28/06/46.

23 Idem.

24 Arquivo Raul de Andrada e Silva/ARAS- IEB/USP, Carta de Lobato a Marina de Andrada, de 07/08/46.

Faz hoje dois meses que cheguei, e ainda não tive sombra de notícia da grande dama andradina. Que hay? Na última de Arthur há isto, na parte intitulada “SEUS AMIGOS” – “Dona Marina tem telefonado e diz que está em atraso com a correspondência por contratempos de saúde e negócios”. Só, mais nada... Em dois meses de vida aqui, só isso – só, sórosósó... Que hay, que hay, amiga? Já foi nomeada e está com serviço até o pescoço? [...] Eu escrevi duas ou três e parei ... desapontei ... Fiquei como quem fala com um sujeito na rua, e fala outra vez, e insiste, ele não responde. Mas hoje não resisti e vim, semvergonhissimamente, falar pela terceira vez com a Senhora da Boca Fechada, pedindo-lhe ao menos que me informe se Patti e Abraão já cumpriram o prometido de modo tão solene.²⁵

Parece ele deveras chateado com a falta de respostas às suas três primeiras cartas. Embora “blagueie” como sempre faz quando algo parece desgostá-lo, não deixa de se sentir incomodado com o silêncio de Marina, inclusive chamando-a de “Senhora da Boca Fechada” e até forçando-a a uma resposta, pedindo-lhe notícias sobre algum prometido de outros colegas, possivelmente.

Os dois parágrafos seguintes da carta são dedicados a falar sobre o pintor Quirós, com quem Lobato dizia ter passado breve temporada. Ficou encantado com seus quadros e com a dimensão deles. Além disso, comenta que ele, Lobato, foi a única pessoa pintada duas vezes pelo mesmo artista, já que Quirós pinta, mais de uma vez, um retrato do escritor. Para chegar até sua casa, Lobato fez viagem pelo rio Paraná, em embarcação grande, e parece ter gostado bastante. Comenta que desejaria repetir o trajeto, inclusive. Apenas se desgosta de lembrar que fez a viagem acompanhado de um amigo, chamado Eduardo Lopez, “um tataraneto ou bisneto de Solano Lopez”. Mas, para Lobato, o problema é que o homem tinha “o defeito de ser macho – e um macho não completa outro. Faltava ali uma Marina... apesar que a grande Marina que conheço nem se dá ao trabalho de uma palavrinha de resposta aos longos trololós epistolares do pobre Lobato”²⁶.

Percebe-se, assim, pelo final da carta, que o escritor, embora estivesse escrevendo para a senhora amiga, possivelmente ainda não recebera dela nenhuma missiva como resposta às suas anteriores. Nenhuma palavra é dita sobre a queixa que Marina teria feito a Fontoura sobre a falta de resposta de Lobato a cartas dela, o que pode, talvez, ter desmotivado outras respostas.

Por fim, a quinta carta existente no Arquivo traz a seguinte data: BA291946. É possível que Lobato quisesse grafar BA (Buenos Aires) 29/09/46, mas talvez a pressa tenha feito sair 19 no lugar de 09. Partindo do pressuposto de que a missiva seja mesmo de setembro de 1946, nela Lobato inicia por “Marina ingrata”, o que já anuncia possível ausência ainda de respostas da senhora às missivas dele. Segue informando que passou os dias a mexer no texto de Hércules (*Os Doze trabalhos de Hércules*) e lembrou-se dela como “a criatura que mais bem leu tudo aquilo e

25 Idem.

26 Idem.

mais gostou dos bons pedaços”²⁷ e, ao finalizá-lo naquele momento, seguiria a "escrever aquele de Roma, que te jurei e depois tenho um batatal, de que não vou dar ideia aqui, senão sai o livro inteiro". Projetos futuros que, infelizmente, Lobato não chegou a concretizar. Marina, a melhor leitora dos *Doze Trabalhos?* Seria esse um dos assuntos das tardes “marineras” a que Lobato fizera referência em carta anterior? Tece também comentários sobre a primavera que chega e deixa o tempo encantador e a ele de muito bom humor. Comenta que continua recebendo notícias dela apenas via terceiros, como pelo amigo Artur:²⁸ “O Arthur me tem dado notícias suas, e diz que o tal emprego até agora não saiu”.²⁹ E continua a questioná-la sobre o porquê de não escrever a ele. Finaliza comentando: "Não te peço que me escreva, porque sei que é inútil. Mesmo assim, mesmo apesar dessa desfeita, de vez em quando te escreverá o amigo não ingrato". Termina assinando, à mão, “Lobato”. São essas as missivas de Lobato a Marina que existem no Arquivo Raul de Andrada e Silva. Se houve alguma resposta dela, *a posteriori*, não se encontra no material que foi doado ao IEB. Sendo assim, infelizmente, hoje, é possível que nunca se saiba como essa amiga recebeu a delicadeza das cartas do amigo Lobato.

“Em 8 de maio de 1947”, [Lobato] está de volta ao Brasil.³⁰ Em 14/11 desse mesmo ano, escreve a seguinte carta/bilhete à amiga Marina:

Prezada amiga:

Tem esta por fim declarar que confirmo o nosso entendimento verbal sobre a teatralização e radiofonização das minhas histórias infantis, constantes das edições dadas pela Companhia Editora Nacional. Fica a boa amiga com exclusividade para essa teatralização radiofônica pelo prazo de três anos, desta data, sem que a estação de rádio que a contrate tenha de me pagar alguma coisa por direitos autorais.

Com a maior estima,

*Monteiro Lobato*³¹

A carta aparece duplicada. Uma outra versão dela, de mesma data, apresenta algumas rasuras e alterações de palavras, sugerindo que foi datilografada primeiro, mas, na sequência, corrigida e novamente datilografada sem rasuras, embora ainda presente dois acréscimos manuscritos em uma das margens. Em ambas

27 Arquivo Raul de Andrada e Silva/ARAS- IEB/USP, Carta de Lobato a Marina de Andrada, possivelmente de 29/09/1946.

28 Tratar-se-ia de Artur Neves, editor da Brasiliense?

29 Idem

30 NUNES, 1986, p. 229.

31 Carta de Monteiro Lobato a Marina de Andrada Procópio de Carvalho. Documento pertencente à pasta 9 do Arquivo Monteiro Lobato da Biblioteca Infantil e Juvenil Monteiro Lobato/SP, datada de 14/11/1947.

as cartas consta, ao final da página, a seguinte informação, possivelmente inserida na biblioteca: "Original na Biblioteca Mário de Andrade, Seção de Obras Raras e Especiais". A existência de teatralizações e radiofonizações dos textos infantis de Lobato parece ter sido relativamente frequente na época, ao menos houve algumas tentativas. Na tese de Eliane Debus, na qual ela estuda, de forma pioneira, as cartas de crianças do Arquivo Raul de Andrada e Silva (ARAS/IEB), é possível ler:

Em maio de 1943, Edgard Cavalheiro e Carlos Lacerda criam o programa "No Sítio do Picapau Amarelo", que vai ao ar pela Rádio Gazeta, em São Paulo. Em maio de 1945, no Rio de Janeiro, a Rádio Globo transmite "A menina do Narizinho Arrebitado". Em novembro de 1946, uma rádio de Piracicaba transmite "Cara de Coruja", adaptada por Benedito Almeida Júnior, pai de uma leitora do escritor. Uma pesquisa mais atenta evidenciaria um número bem maior de adaptações de seus livros infantis para transmissões radiofônicas. Porém, os exemplos tomados dimensionam o uso do veículo na propagação dos seus livros e, por consequência, da sua leitura. Não podemos esquecer que, provavelmente, essas adaptações para o rádio não foram realizadas à revelia do escritor.³²

A autorização dada a Marina, bem como a Luiz de Toledo Piza, que segue abaixo, extraída da obra de Osni Lourenço Cruz, demonstram que Lobato tomara ciência disso e tinha autorizado algumas radiofonizações:

São Paulo, 29 de novembro de 1944

Pela presente, resolvo conceder autorização ao Snr. LUIZ DE TOLEDO PIZA para tomar as providências necessárias a fim de que sejam salvaguardados os direitos de autor de minhas obras, da série infantil, publicadas pela Cia. Editora Nacional, que forem radiofonadas pelas emissoras cariocas – Monteiro Lobato.³³

A título de curiosidade, acrescenta-se aqui o trabalho de teatralização realizado por Adroaldo Ribeiro Costa, de 1942 a 1947. Todo o processo de autorização e produção levou cerca de cinco anos. Lobato autorizou Costa logo que recebeu dele o pedido, também via carta, e acabou acompanhando todo o processo, mesmo que à distância, até a apresentação do primeiro espetáculo em 22/12/1947, em Salvador, na Bahia, com sua presença física, que teria sido considerada "a sua última

32 DEBUS, E. **Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido**. Itajaí: Univali Editora; Florianópolis: UFSC, 2004, p. 93.

33 CRUZ, O. L. **Na trilha de Lobato: entre as serras**. Taubaté: Edição do Autor, 2019, p. 143. De acordo com o texto de Cruz, o documento assinado por Lobato teve firma reconhecida no Rio de Janeiro apenas em 10 de abril de 1945 e encontra-se guardado no Museu da Imagem e do Som de Taubaté/SP (MISTAU). Ainda segundo o estudioso, há duas fotos que registram o encontro de Toledo Piza com Lobato por ocasião dessa autorização dada pelo escritor a ele (p. 145).

alegria”. Para quem quiser saber mais detalhes dessa "última alegria" de Lobato, Osni Lourenço Cruz apresenta, de maneira detalhada e com registro da troca de correspondência entre Adroaldo Costa e o escritor, todos os detalhes ocorridos ao longo dos cinco anos, além de fotografias do dia da primeira encenação com a presença de Lobato. Interessados poderão consultar a obra *Na trilha de Lobato: a última alegria*, capítulo intitulado “A relação epistolar entre Lobato e Adroaldo”.

Pesquisas com documentos em fontes primárias são sempre fascinantes, pois podem revelar verdades que até então não foram pensadas por outras pessoas. Afinal, quem teria sido aquela senhora, Marina de Andrada Procópio de Carvalho, na sociedade da época de Lobato? Por que motivos o escritor teria deixado tais cartas de crianças com ela e não com o próprio Edgard Cavalheiro, a quem, na mesma época, pouco antes de partir para a Argentina, doara grande parte de seu arquivo pessoal,³⁴ conforme citação-epígrafe que abre este texto? Foram essas perguntas, nascidas no meio das cartinhas das crianças e instigadas pelas poucas informações sobre essa senhora, que motivaram uma certa investigação a fim de dar certa luz a ela, tendo em vista que parece Marina Procópio de Carvalho ter tido alguma importância na história de Monteiro Lobato. A seguir, algumas descobertas sobre a pessoa que nasce, neste texto, como uma das interlocutoras do escritor.

2 Marina de Andrada Procópio de Carvalho: prefaciadora, missivista, herdeira do arquivo de cartas infantis e... nada mais?

Uma senhora praticamente apagada da sociedade brasileira na primeira metade do século XX não fosse pelo prefácio que ela fez à primeira edição de *Prefácios e Entrevistas* (1946), livro publicado nas *Obras Completas*, de Monteiro Lobato, pela editora Brasiliense. Ali, está registrada oficialmente a senhora Marina de Andrada Procópio de Carvalho. Na reedição da obra de Lobato, feita pela editora Globo, a partir dos anos 2000, todavia, não está mais presente o prefácio dela, foi extinto.

Segundo consta neste texto produzido por Marina, ela teria sido intimada por um dos editores das *Obras Completas* de Lobato a prefaciar o livro com um pedido especial: o prefácio deveria apresentar o “Lobato humano, pois o Lobato literário já está[va] muito esmerilhado”. Ela deveria fugir da literatura e “pintá-lo em carne e osso”³⁵. O texto que ela escreve busca mesmo um Lobato mais humano e menos

34 “Por fim, esclareceu que ia mesmo de mudança para a Argentina. Talvez não voltasse. Tinha uma papelada imensa, que de nada lhe servia, mas que lamentava botar fora, pois talvez se prestasse para reconstituir certa época da vida literária brasileira [...]. Finalmente parou e, olhando-me firme, fez a pergunta que sem dúvida trouxera engatilhada: — ‘Quer ficar com meu arquivo?’”. Citação extraída de op. Cit. 1955, p. 13.

35 LOBATO, M. **Prefácios e Entrevistas** (Prefácio de Marina de Andrada Procópio de Carvalho). 3 ed. São Paulo: 1950, p. 9.

acadêmico; o escritor mais das crianças e menos dos adultos; o homem e sua alma e, menos, o raciocínio. Com isso, o resultado é um texto mais leve que vai ao encontro dos gêneros próprios do livro: prefácios e entrevistas. Não apresenta rigor acadêmico, mas não deixa de conduzir o leitor pelos limiares do que foram os anos de vida pública do escritor.

Na época do início da publicação das *Obras Completas*, de Monteiro Lobato, Caio Prado Júnior, Arthur Neves e Leandro Dupré eram os editores chefes da Brasiliense. Em 1944, a eles se juntaria o escritor. Em 1946, sairia *Prefácios e Entrevistas* com o prefácio de Marina de Andrada. É nesse intervalo, portanto, de 1943 a 1946, que ela é convidada para fazer a apresentação “humana” do Lobato e parece ter optado pelo “Lobato das crianças”. No segundo parágrafo de seu prefácio, Marina comenta que possivelmente o editor queria fazer uma blague com o escritor: “Lobato prefaciado por uma mulher – e ‘uma mulher sem importância’... Sérgio Milliet podia ver nisso uma espécie de vingança, ele que o acusou de distribuir prefácios mesmo a autores de segundo *team*”³⁶.

Se Sérgio Milliet viu isso mesmo no prefácio, não se tem notícia, mas no conjunto das cartas do Arquivo Raul de Andrada e Silva há uma missiva datada de 29/05/1946, vinda de Belo Horizonte e endereçada a Marina. Pela assinatura, feita a mão, tudo indica que o remetente seja Godofredo Rangel que, por algum motivo, parece ter estranhado o prefácio produzido pela senhora amiga. No conjunto das cartas de Lobato a Rangel, publicadas em *A Barca de Gleyre*, há apenas cinco cartas datadas de 1946. Em carta de 05/1946 (sem dia), Lobato informa Rangel de que partiria dia 06/06/46 para a Argentina. Nesta mesma carta, também avisa que a editora Brasiliense enviaria ao amigo o restante dos livros depois que todos estivessem publicados, esclarecendo que faltava imprimir apenas a *Barca*. Ou seja, *Prefácios e Entrevistas* já tinha sido impresso. Em duas cartas anteriores, datadas apenas de abril de 1946 (as duas estão sem o dia), Lobato deixa claro a Rangel que pretendia visitá-lo antes da partida para a Argentina. Na primeira, ele diz:

Em junho, logo que me liberte das revisões, sigo para a Argentina, por um ano, ou mais, não sei. Mas antes disso quero pagar aquela minha célebre promessa de pagar a visita que me fizeste em

36 Ibidem, p. 9. Segue o trecho do texto de Sérgio Milliet, no artigo “Um sentimental apaixonado”, publicado em 30/09/1944, em O Estado de SP, a que Marina de Andrada faz referência: “A correspondência que acaba de ser publicada tem, contudo, muitos méritos. Em primeiro lugar o de clarear um pouco a atmosfera desse período indeciso da literatura paulista anterior a 1922. E desse ponto de vista as notas me parecem mais úteis do que as cartas, além de mais vivas e do melhor Lobato. Em segundo lugar o de abrir-nos alguma perspectiva sobre o coração do escritor, bem mais humano do que transparece em seus contos, e muito semelhante ao que deve ter ditado os famosos prefácios com que presenteou generosamente inúmeros intelectuais de segundo time”. Por ocasião do centenário de nascimento de Monteiro Lobato foi republicado em Revista Ciência e Trópico, Recife, 9(2): 227-230 jul./dez, 1981. Em Carta-Prefácio aos “Poemas Atômicos”, de Cesídio Ambrogi, publicado em *Prefácios e Entrevistas* (1946), Lobato faz referência à crítica sofrida a respeito dos prefácios feitos a escritores de segundo time, mas a atribui a Mário Donato. Segue: “Cesídio amigo, cá me chegaram os teus versos de revolta e esperança – e felizmente sem pedido de prefácio. É que, você sabe, estou proibido pelos médicos literários de dá-los, tantos dei para ‘gente do segundo team’ na opinião do Mario Donato, em artigo no ‘Estado’, a respeito do meu *animus prefaciandi*”. Essa citação pertence também a *Prefácios e Entrevistas*, 1950, p. 139.

Areias. Da última vez que apareci aí foi por causa do petróleo, não por você –e pois a dívida não ficou paga. Mas não diga nada a ninguém, porque não quero saber de ninguém –só você. Talvez em maio eu possa ir.³⁷

Na carta imediatamente posterior, enviada ainda em abril de 1946, e, provavelmente, na primeira quinzena, como se verá no início do excerto abaixo, Lobato reitera o desejo de ir a Belo Horizonte visitar o amigo:

Creio (ou pretendo) partir em fins de maio, começo de junho, e alguns dias antes dou a chegada até aí, de avião. Mas não é para ver bobagens da Pampulha e mais coisas. Nada disso me interessa. Quero passar aí dois dias com você –eu só, a mulher não vai, para nos pormos ao par um do outro e cá de meu lado para pagar a tua visita a Areias. Só, absolutamente só, isso. E aceito a proposta de ficar em tua casa. Mas não dirás nada a ninguém, porque não quero visitas de ninguém.

Botei você na lista dos que vão receber as Obras Completas. Breve receberás os primeiros cinco volumes já saídos; outros irão indo à medida que saírem.³⁸

Alguns dados aqui merecem atenção porque dialogam com o conteúdo da carta a Marina, possivelmente escrita por Rangel em fins de maio de 1946 (29/05), conforme data registrada nela. Nessa carta, ele inicia:

Minha cara Marina,

Estou seguindo o seu exemplo. E não imito apenas –sou sincero. Vejo que você é do nosso bloco, que se incorporou ao Cenáculo do Minarete, a essa cousa que nunca existiu de fato –porque não passou de um grupo de amigos que se procuravam por afinidades literárias ou o que seja – e que continua existindo, porque persiste ainda a atuação das afinidades e amizades. Vejo bem que você está bem afinada conosco. Pelo meu lado, agora me prende a você outro elo –um dos elos mais forte [sic] para mim: o da admiração. Li seu Prefácio em "Prefácios e Entrevistas" e admirei-me da subtileza com que apanhou traços essenciais de nosso Lobato e do modo vivo, pitoresco e exato, com que soube exprimir-se. Parabéns, D. Marina de Andrada Procópio de Carvalho! Que nome imponente, bom para ser debulhado ficando em sua melhor essência: Marina!³⁹

37 Carta de Lobato a Rangel, de São Paulo, em abril de 1946. Op. Cit. 1956, p. 377.

38 Carta de Lobato a Rangel, de São Paulo, em abril de 1946. Ibidem, p. 377.

39 Carta de Godofredo Rangel a Marina Andrada Procópio de Carvalho, datada de 29/05/1946. Disponível no Arquivo Raul de Andrada e Silva/ARAS-IEB/USP. Grifos nossos.

Nesse parágrafo que abre a possível carta de Rangel⁴⁰ a Marina, embora o leitor encontre uma certa proximidade no vocativo inicial “cara Marina”, parece que essa sensação começa a se desvanecer ao longo do primeiro parágrafo, quando Rangel esclarece que ele é sincero em sua fala (Marina não seria?) e que ela estaria (ou parecia estar) “bem afinada” com eles nas questões literárias. Seria justamente por conseguir, em seu prefácio, por ele lido, captar, assim como os amigos do Cenáculo, marcas pessoais e exatas do homem-Lobato, como havia sido a ela solicitado? Parece até haver uma certa ironia na afirmação “Vejo bem que você está bem afinada conosco”, afinal, Marina talvez fosse mesmo uma senhora com ascendência famosa, como se verá adiante, mas relativamente desconhecida no meio literário-acadêmico. Seria, apenas, mais uma “Marina”, depois de debulhados seus sobrenomes? Ou a questão de ser mesmo uma mulher é que incomodaria? E ele continua:

Jamais acreditei que sua carta pudesse ser trazida pelas mãos do Lobato. Ele devia-me duas visitas – uma de que se esqueceu (memória de velho!) feita em Taubaté; outra, anos depois em Areias; mas eu não acreditava que as distâncias em espaço e tempo permitissem a redistribuição, afinal veio ele, conforme prometeu, e aqui estive dois dias encantado por uma baianinha bonita, copeira, que queria levar para a Argentina e rodeado pela pirralhada ledora que o nosso escritor sabe acolher tão cristãmente com uns modos bíblicos que parecem dizer: "Deixai que venham a mim os pequenos ... e as pequenas!"⁴¹

As palavras de Rangel sugerem que ela teria enviado a ele uma carta pelas mãos de Lobato que, conforme aponta-se em excertos de cartas acima, havia prevenido o amigo sobre sua breve visita. Qual teria sido o teor dessa carta de Marina a Rangel? De onde se conheciam se Rangel muito pouco ia a São Paulo, onde residia Marina? Por que motivos Rangel faria referência à jovem bonita que trabalhava em sua casa e por quem Lobato teria ficado encantado? Em carta ainda de maio de 1946 (sem dia), escrita logo depois de Lobato retornar de Belo Horizonte, há referência a essa jovem que acreditava o escritor poder suceder a Carmen Miranda.⁴² Parece fazer mais sentido o trecho em que Rangel lembra o carinho de Lobato pelas crianças, já que no prefácio da senhora Marina há boa parte de texto voltada para esse Lobato, relativamente, para ela, esquecido:

40 Acredita-se mesmo se tratar de Rangel em virtude de o final da assinatura ser muito semelhante a outra assinatura dele em carta publicada na obra de Osni Lourenço Cruz, no volume Na Trilha de Lobato, entre as serras. Na página 51 desse trabalho, há uma missiva de Rangel a Lobato datada de 29/01/1948, enviada de Belo Horizonte, cujo final da assinatura é muito semelhante ao final da presente na carta do ARAS-IEB/USP.

41 Carta de Godofredo Rangel a Marina Andrada Procópio de Carvalho, datada de 29/05/1946. Disponível no Arquivo Raul de Andrada e Silva/ARAS-IEB/USP.

42 LOBATO, 1956b, p. 378.

Monteiro Lobato é unanimemente considerado um grande contista ou, se preferível, um contista de grande mérito, um dos maiores do Brasil. É aclamado por todos os críticos como um grande escritor brasileiro, como um dos maiores escritores brasileiros; e por muitos, como o maior. Parece-me, entretanto, que a sua literatura infantil não foi até agora suficiente, condignamente, estudada e analisada. Excetuados alguns inteligentes artigos de Edgard Cavalheiro, não tenho notícia de estudos ou análises pormenorizadas de suas produções para crianças. Creio até que na Argentina está sendo mais estudado que aqui, mormente agora que lá se completa a publicação de toda a sua obra.⁴³

É sobre, inclusive, esse perfil de Lobato, voltado para a literatura infantil, que Marina de Andrada se debruça em seu prefácio, deixando um pouco de lado o escritor, pensador e crítico dos problemas sociais e políticos do país. Teria essa escolha incomodado Rangel, duplamente? A primeira, por Marina ser uma mulher nascida em SP, como se verá à frente, e, segundo, por fazer, em seu prefácio, mais referência ao Lobato da obra infantil do que ao da adulta? Segue o último parágrafo de sua resposta:

Está bem – para um convalescente (andei em crise de saúde ou de falta de saúde) esta já vai bem longe e bem ferina. Mas agora, ao fim dela, estou a quebrar a cabeça com o seu endereço. Rua Anajaz? Ananaz? Ou Majaz? Vou ver se alguém me decifra isso, tanto mais que algum dia pretendo ir bater à sua porta. Depende de conseguir viajar até São Paulo.⁴⁴

Acreditaria ele que, numa sociedade em que poucas mulheres tinham voz, Marina não deveria ter aceitado o convite que lhe fora feito pela Brasiliense? Afinal, ele faz questão de lembrar-lhe de que há algumas partes "ferinas" no texto. Acharia ele necessário isso? Teria ela, em algum momento, informado a Lobato sobre essa resposta de Rangel? Ou tal resposta também poderia ser um dos motivos do silêncio de Marina às cartas de Lobato vindas da Argentina? Talvez nunca seja possível saber, mas resta lembrar que o prefácio feito por ela parece dar especial atenção ao Lobato missivista com as suas crianças leitoras e dialoga, ainda, com o recebimento do arquivo de cartas infantis. Ela, inclusive, faz referências pontuais a algumas, deixando claro que já as tinha lido, inclusive, naquele momento:

As manhãs ele as consagra à sua correspondência, sobretudo a infantil. E o carinho e o respeito que dedica à correspondência com as crianças toma um caráter ritual religioso. É um dever sagrado. Penso que tudo poderá acontecer a Lobato, menos deixar de responder a uma cartinha de criança. Elas constantemente lhe

43 Op. Cit., 1950, p. 16-17. Grifos nossos.

44 Carta de Godofredo Rangel a Marina Andrada Procópio de Carvalho, datada de 29/05/1946. Disponível no Arquivo Raul de Andrada e Silva/ARAS-IEB/USP. Grifos nossos.

enviam pedidos de livros ou de pó de pirlimpimpim; ou fazem sugestões, reparos, críticas, etc. Pedem bolinhos de Tia Nastácia, ou que faça a Emília comparecer a festas de aniversário. Também querem aparecer nos livros, tomar parte nas aventuras, com seus animais favoritos –o gato Manchinha ou o “meu cachorrinho Totó”. Criticam, e quase sempre com acerto, as ilustrações de Belmonte e outros desenhistas, pois exigem completa concordância com o texto. E todas desejam conhecê-lo, chegam a implorar-lhe “alguns minutos de atenção, em local, dia e hora que o senhor possa indicar”.⁴⁵

É por essa sensibilidade em relação aos leitores crianças e jovens de Lobato e à própria obra infantil dele que se pode crer que o escritor tenha reconhecido em Marina a pessoa ideal para quem ele deveria deixar seu arquivo de cartas infantis. Trata-se apenas de especulação a partir de tudo que aqui se colocou sobre as poucas cartas que foram apresentadas e o prefácio da senhora Carvalho ao livro de Lobato. Impossível alguma certeza em terreno relativamente escorregadio e movediço como esse, tendo em vista as poucas informações que se conseguiu reunir sobre a vida de Marina de Andrada Procópio de Carvalho e que, agora, serão partilhadas.

3 Uma senhora pouco conhecida

Marina de Andrada parece se juntar a uma gama de outras mulheres que, de alguma forma, estiveram próximas de Lobato e por ele foram respeitadas e reconhecidas por suas marcas pessoais, em especial, pela liberdade na forma de viver, agir e pensar.

Lobato sempre conviveu com várias mulheres, desde a tenra infância. Teve duas irmãs, Judith e Ester (Teca). Casou-se com Pureza Natividade (Purezinha), com quem viveu durante toda a vida e teve duas filhas, Martha e Ruth (além dos dois filhos homens que faleceram muito jovens). Com os netos, Joyce e Rodrigo, acabou tendo mais convivência com a primeira, em virtude de ela ter morado bastante tempo com ele e Purezinha. Joyce, em depoimento a Marcia Camargos, informa sobre a firmeza de sua avó, Purezinha, no comando da casa e sobre o papel de esposa de um homem como Lobato; fala sobre Ruth, como a filha que ajudava Lobato nas traduções e tinha ideias bastante arrojadas, para a época, sobre casamento. Sobre Lobato e uma de suas irmãs, Joyce comenta:

Tenho a sensação de que nossa família era um matriarcado, com meu avô sempre por ali, aguentando todas nós. Juca apreciava as mulheres fortes, como a tia Teca, irmã dele, que sustentou a casa

45 Op. Cit, 1950, p. 13-14.

*costurando para fora, era auto-suficiente e feminista já naqueles tempos.*⁴⁶

Segundo Joyce, quando o avô esteve preso, foi Teca, irmã mais nova do escritor, quem sustentou a família toda dele e dela, com costuras e quitutes que preparava e vendia. Também fala sobre Judith, a irmã mais velha, que rendeu a Lobato muito trabalho, porque era considerada um pouco "louca", não aceitava os protocolos paternalistas da época e tinha "uma cabeça repleta de sonhos de aventuras". Chegou, mesmo, a fugir de casa e, quando o dinheiro acabava, batia na porta de Lobato que sempre a ajudava sem nunca a criticar: "Meu avô não falava nada, tinha uma paciência enorme com Judith".⁴⁷ Ainda segundo Joyce: "No fundo, as duas irmãs do meu avô fizeram coisas fora do normal, eram mulheres valentes".⁴⁸

No rol de parentes "valentes", não se pode esquecer de Gulnara, a sobrinha, filha de Teca e Heitor de Moraes. Gulnara foi uma espécie de discípula do escritor na arte da tradução. Praticamente autodidata, deixou registrado, em várias de suas entrevistas⁴⁹, o quanto devia a Lobato pela profissão aprendida e desenvolvida ao longo de sua vida. Em várias cartas trocadas entre ela e Lobato⁵⁰, o escritor também registra sua enorme admiração pelo empenho e pelo talento da sobrinha nas artes da tradução.

Lobato também cultivou algumas amizades femininas que ficaram registradas em sua história de vida, como é o caso das senhoras Hilda e Maria Elisa Junqueira Vilela. Foram ambas correspondentes infantis do escritor e, anos mais tarde, dona Hilda Vilela deu continuidade aos trabalhos de Dona Lenyra Fraccaroli, na Biblioteca Infantil e Juvenil Monteiro Lobato, em SP. Dona Lenyra também foi a amiga que muito batalhou para que a biblioteca pública infantil e juvenil levasse o nome do escritor. Pode-se acrescentar Iainha Pereira Gomes, outra amiga a quem Lobato muito incentivou nas artes da escrita e da pintura. Apesar do texto "Paranoia ou Mistificação", escrito por Lobato em 1917 (e publicado em *O Estado de SP*), e pouco compreendido por muitos que o leram, o escritor nunca escondeu a grande admiração por Anita Malfatti que, por mais de uma vez, produziu capas para edições de livros das Editoras de Lobato.⁵¹

46 CAMARGOS, M. **Juca e Joyce**: memórias da neta de Monteiro Lobato (depoimento dado a Marcia Camargos). São Paulo: Moderna, 2007, p. 27.

47 Ibidem, p. 29.

48 Ibidem, p. 29.

49 Há, no MIS (Museu da Imagem e do Som), várias entrevistas gravadas de Gulnara que podem ser consultadas. Segue o endereço: <https://acervo.mis-sp.org.br/buscacompleta?field_busca_field_value_op=allwords&field_busca_field_value=gulnara+lobato>, acesso em 07/08/2022.

50 Para ler algumas, consultar: LOBATO, M. **Cartas Escolhidas**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1969, vol. 2.

51 Para saber mais sobre o assunto: LAJOLO, Marisa. Procura-se Anita. In: **Revista Patrimônio e História**. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.4, n.2, p. 100-114, jun. 2009, p. 106.

Ao longo de sua vida, ele teve algum tipo de relação com mulheres que fizeram parte da história da literatura brasileira, seja publicando-as, seja com elas se correspondendo ou mesmo seja preservando amizades. Pode-se acrescentar ainda aqui: Maria José Dupré, Chrysamthème, Júlia Lopes de Almeida, todas por ele publicadas, ou ainda Rachel de Queirós, com quem ele se correspondeu, e Lygia Fagundes Telles, com quem estabeleceu alguma amizade.

Marina de Andrada parece se encontrar no rol dessas mulheres com alguma característica especial. É importante lembrar aqui que, ao se tomar contato com o processo de doação do Arquivo Raul de Andrada e Silva, houve certa curiosidade por entender um pouco mais sobre a história dela. Isso porque Marina legou à sociedade esses documentos tão importantes para se conhecer até mesmo um pouco do processo criativo do escritor que, em diversos momentos, procurou atender ao desejo de seus jovens missivistas e, ao fazer isso, passou a revelar um pouco mais sobre o processo criativo de suas obras infantis.

A solução para a curiosidade foi a busca por mais informações sobre a senhora Carvalho. Nesta tarefa, na biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, encontrou-se um exemplar da Edição de *Urupês*, de 1944, com Introdução de Edgard Cavalheiro e Ilustrações de Paim, publicado pela Martins Editora. O exemplar, de número 8, de um total de 120, todos assinados por Lobato, apresenta a seguinte dedicatória, à mão, à senhora Marina:

Perguntei ao Mar:

– Qual a 'mulher sem [ou tem] importância' mais importante que conhecer, ó Mar?

E o Mar respondeu numa onda:

– M A R I N A

Monteiro Lobato

Lobato não foi escritor de se debruçar sobre o gênero poético, sua obra atesta isso. Aliás, muito criticado foi, inclusive, por poetas que acreditavam que seriam editados por ele, embora isso não tenha acontecido. Para Lobato, a poesia não era um gênero que vendesse bem, por isso, parece instigante ele se render a Marina arriscando mesmo alguns versos. O risco parece um pequeno flerte com o contexto modernista, já que a ideia do uso da palavra "mar" recupera parte do nome da senhora e o atrela ao contexto de "brisa" e da sedução paisagística do espaço, num apelo sonoro, visual e até tátil. Além disso, o "mar"/Marina vir como imagem de "onda" parece sugerir a força dessa senhora (em Marina, já há "mar") além de seu possível poder de sedução em alguma instância da vida. O exemplar existente na Biblioteca Mário de Andrade, segundo consta no acervo, foi doado pela família de Marina.

Ainda em busca de informações sobre essa senhora, foi possível encontrar algumas referências em sites de que ela foi a autora de uma obra sobre a genealogia de sua família. Trata-se de *A Família Andrada*, publicada em 1940. O texto saiu,

inicialmente, dividido em três partes na *Revista do Instituto Heráldico-Genealógico de SP*⁵², nos números 7 (1940), 8 (1940/1941) e 9 (1942/1943)⁵³. Nele, no número sete da Revista, Marina de Andrada apresenta seus antepassados buscando construir a genealogia da família Andrada. Ela inicia apresentando uma estrofe sobre o nome de sua família: "Su seña verde cerrada,/A quien su banda dorada/ El Rey con tres villas dió,/ Quien la victoria ganó?/ Dom Ferna Pérez de Andrada⁵⁴", e segue trazendo ao leitor informações sobre a origem portuguesa dela. Apresenta, na página 75, uma imagem colorida do brasão de armas dos Andradas e segue trazendo os primeiros ascendentes seus, com seus respectivos esposos, esposas e filhos –quando houve–, e alguns comentários mais extensos sobre os nomes mais famosos, como é o caso do Patriarca da Independência do Brasil, Conselheiro José Bonifácio de Andrada e Silva. Alguns retratos de alguns nomes mais importantes também são agregados ao texto.

No número seguinte, o oitavo, ela segue com a exposição dos descendentes do Conselheiro e apresenta José Bonifácio de Andrada e Silva, o "Moço", cujo pai foi irmão do Patriarca da Independência e a mãe, filha dele. O "Moço" foi avô paterno da senhora Marina, a quem ela dedica algumas páginas sobre sua vida, além de um retrato. Seu avô materno foi o Dr. Antônio Caetano de Campos, "ilustre médico e emérito educador⁵⁵". Seus pais: Dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada e Silva Sobrinho e D. Júlia Olympia de Campos de Andrada e Silva. Há fotos de ambos na revista. Marina de Andrada e Silva é a segunda filha do casal que teve, no total, 8 filhos. Ela, Marina, nasceu em São Paulo a 13 de agosto de 1895 e foi casada com o senhor Dr. Joaquim Procópio de Araújo Carvalho⁵⁶. Dele, tornou-se viúva em 18/03/1919. Tiveram, um ano antes de sua morte, uma filha, Maria Gabriella, nascida em São Paulo, a 19/11/1918. Não há foto alguma de Marina, de seu esposo ou da filha do casal na revista. O último de seus irmãos, ou seja, o mais novo, nascido em São Paulo, a 25/04/1905, teria sido Raul de Andrada e Silva.

E era a esse último senhor, Raul de Andrada e Silva, que se pretendia chegar, pois ela passou para os registros do Instituto de Estudos Brasileiros/IEB como **sobrinha** de Raul de Andrada e Silva, conforme foi apresentado no texto do Processo de doação do Arquivo, mas, na verdade, foi **irmã** dele. Segundo consta no texto de *A Família Andrada*:

52 Foi possível o acesso apenas a esses três números da Revista. Não foi encontrado o texto publicado em volume.

53 Consta que foi publicado em livro, em 1945, pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Não foi possível localizar nenhum exemplar desse texto publicado em livro.

54 CARVALHO, M. A. S. P. A Família Andrada In: *Revista do Instituto Heráldico-Genealógico* (Antiga Revista do Instituto de Estudos Genealógicos). São Paulo, 1940, n. 7, p. 73.

55 CARVALHO, M. A. S. P. A Família Andrada In: *Revista do Instituto Heráldico-Genealógico* (Antiga Revista do Instituto de Estudos Genealógicos). São Paulo, 1941, n. 8, p. 77.

56 No site <https://www.parentesco.com.br/index.php?apq=pessoa&idp=33069&c_palavra=&ver=por>, há uma foto do casamento dela.

Dr. Raul de Andrada e Silva, nascido em São Paulo, a 25/04/1905; diplomado pela Escola Normal de São Paulo, em 1923, pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1935, e pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em 1940. Casado com D. Eleonora dos Santos Netto, nascida em João Pessoa (Paraíba), a 25/09/1909, filha do Dr. Antonio Bernardino dos Santos Neto e de D. Cherubina Moreira Mello dos Santos Neto, naturais de João Pessoa, no Estado da Paraíba, já falecidos. Sem sucessão.⁵⁷

Não há mais nenhuma informação sobre o irmão à frente no texto. No *Guia do IEB* (2010), as informações sobre Raul de Andrada e Silva coincidem com as mencionadas acima por Marina de Andrada, senão veja-se: "Historiador e professor, bacharelou-se pela Faculdade de Direito e formou-se em História e Geografia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, ambas da Universidade de São Paulo⁵⁸". O texto de apresentação do Arquivo ainda informa que ele foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e da Academia Paulista de Letras, onde ocupou a cadeira 38.

Ao se acessar o site da Academia Paulista é possível lá encontrar o nome de Raul de Andrada e Silva, ao lado de outros imortais que ocuparam também a cadeira 38. Quanto ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, pode-se conferir na *Revista do Instituto*, datada de 1984, volume LXXIX, nas páginas 325 a 331, várias dessas informações já aqui apresentadas e outras mais que foram ditas no discurso em que Raul de Andrada e Silva tomou posse. Acrescenta-se a informação que se encontra no parágrafo final da página 331: "[...] a distintíssima irmã de V. S. Marina de Andrada Procópio de Carvalho, genealogista⁵⁹ da família⁶⁰", mais uma vez comprovando que a senhora que legou as cartas de crianças e jovens a Monteiro Lobato **era irmã e não sobrinha** do professor Raul de Andrada e Silva.

Com isso, pretende-se resgatar do esquecimento essa senhora que além de apresentar o escritor Lobato-humano, como lhe foi solicitado, no prefácio à obra *Prefácios e Entrevistas*, foi sensível o suficiente para guardar a correspondência infantil dele recebida e deixá-la, juntamente com as cartas dele para ela, para que hoje, no Arquivo Raul de Andrada e Silva, possa ser lida e estudada por todos aqueles que desejam entender melhor o processo de criação das obras infantis de Lobato que receberam influência das crianças e jovens leitores que com ele se corresponderam.

57 Ibidem, p. 79. Chama também a atenção que ela tenha dedicado esse parágrafo todo ao irmão, mas sequer tenha apresentado a filha dela com sobrenome.

58 Op. Cit., 2010, p. 239.

59 Em conversa trocada com Cilza Bignoto, foi recebida a informação de que Marina de Andrada pertencera ao Instituto de Estudos Genealógicos, que foi ligado ao Instituto Histórico e Geográfico de SP. É possível encontrar informações sobre isso em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&pesq=%22Marina%20de%20Andrada%20Proc%C3%B3pio%20de%20Carvalho%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=1318>, acesso em 07/08/2022.

60 REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO, 1984, p. 331.

Além disso, nada mais justo do que se fazer essa correção sobre a relação familiar entre Marina de Andrada e Silva e Raul de Andrada e Silva, como irmãos e não como tio e sobrinha. Com isso, embora não tenha sido possível resgatar o lugar social dessa senhora, na época de Monteiro Lobato, por falta de informações sobre ela, conseguiu-se entender que a pesquisa pode conduzir sempre por novos rumos que ampliam o diálogo inicial que se pretendia fazer. Foi uma grata satisfação saber que algumas dessas informações aqui apresentadas, conseguidas ao se “desnovelar” certos espaços labirínticos, poderão contribuir para novas pesquisas no âmbito dessa senhora e de sua importância como guardiã da correspondência infantil enviada a Lobato que, em muito, contribuiu, até hoje, para a compreensão do processo criativo de suas obras infantis.

Referências bibliográficas

- CAMARGOS, M. **Juca e Joyce**: memórias da neta de Monteiro Lobato (depoimento dado a Marcia Camargos). São Paulo: Moderna, 2007.
- CARVALHO, M. de A. P. de. A Família Andrada. In: **Revista do Instituto Heráldico-Genealógico** (Antiga Revista do Instituto de Estudos Genealógicos). São Paulo, 1940-1941-1942/1943, n. 7, 8 e 9.
- CAVALHEIRO, E. **Monteiro Lobato, vida e obra**. São Paulo: Melhoramentos, 1955, tomo 2.
- CRUZ, O. L. **Na trilha de Lobato: a inquieta juventude**. Taubaté: Edição do Autor, 2018.
- CRUZ, O. L. **Na trilha de Lobato: entre as serras**. Taubaté: Edição do Autor, 2019.
- CRUZ, O. L. **Na trilha de Lobato: a última alegria**. Taubaté: Edição do Autor, 2021.
- DEBUS, E. **Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido**. Itajaí: Univali Editora; Florianópolis: UFSC, 2004.
- GALVÃO, W. N. A margem da carta. **Manuscrita: Revista De Crítica Genética**, (7), 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/manuscritica/article/view/177450>, acesso em 02/12/2021.
- GUIA DO IEB. **O acervo do Instituto de Estudos Brasileiros**. Edição de Ana Lúcia Duarte Lanna. São Paulo: IEB, 2010.
- LAJOLO, M. Procura-se Anita. In: **Revista Patrimônio e História**. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.4, n.2, p. 100-114, jun. 2009.
- LOBATO, M. **A Barca de Gleyre**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1956, tomo II.
- LOBATO, M. **Prefácios e Entrevistas** (Prefácio de Marina de Andrada Procópio de Carvalho). 3 ed. São Paulo: 1950.

LOBATO, M. **Cartas Escolhidas**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1969, vol. 2.

MARQUES, R. **Arquivos literários: teorias, histórias, desafios**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2015.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO. Vol. LXXIX, São Paulo, 1984, 366f.

REVISTA DO INSTITUTO HERÁLDICO-GENEALÓGICO (Antiga Revista do Instituto de Estudos Genealógicos). São Paulo, 1940-1941-1942/1943, n. 7, 8 e 9.